

RESENHA DA OBRA: ENGERMAN, S.L; FOGEL, R.W. *Tiempo en la cruz. La economía esclavista en los Estados Unidos*. Madrid: Siglo XXI, 1981.

Original: ENGERMAN, S.L; FOGEL, R.W. *Time on the Cross. The Economics of American Negro Slavery*. Little, Brown and Company, 1974.

Rodrigo Leonardo de Sousa Oliveira¹

R.W. Fogel e S.L. Engerman, historiadores norte-americanos pertencentes à chamada “revolução cliométrica”, elaboraram uma obra por si só revolucionária. Colocando em xeque boa parte da economia escravista estado-unidense, os autores desconstruíram toda uma visão tradicional que insistia na escravidão como um sistema irracional mantido por proprietários que desconheciam os seus verdadeiros interesses econômicos. Para tanto, eles concentraram os seus estudos na história do desenvolvimento americano sob bases quantitativas firmes, especialmente da região sul. Valeram-se de uma gama extraordinária de fontes, que ia desde os censos até documentações privadas e relatos de viajantes. É uma obra que prima pelo seu caráter de referência não só para a historiografia econômica norte-americana, mas para os estudos ligados ao tema da escravidão dos séculos XVIII e especialmente do XIX nas Américas.

A redação da obra só foi possível graças a elaboração de uma grande equipe de pesquisadores. Estes percorreram várias regiões dos Estados Unidos em busca de dados que pudessem embasar a teoria de que o sistema escravista no sul foi não apenas rentável, mas algo que levou a antiga colônia inglesa a se tornar a principal potência escravista do mundo ocidental por meio de um alto índice de crescimento natural de sua população escrava.

Os autores iniciaram a sua obra tratando do contexto internacional da escravidão nos Estados Unidos. Para tanto, análises comparativas com o Caribe foram feitas visando demonstrar as diferenças com o trato de escravos entre as referidas regiões. No Caribe, notou-se a presença majoritária (91%) de africanos, enquanto no sul dos Estados Unidos esta porcentagem caiu para cerca de 15%. A alta mortalidade e a baixa natalidade presentes não apenas na região caribenha, mas em outras áreas dominadas

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

por franceses, holandeses e portugueses (América portuguesa) levou-as ao recurso das importações.

Atenção especial foi dada ao Caribe, onde a escassez de alimentação e horários de trabalhos mais intensos contribuiu decisivamente para uma alta taxa de mortalidade escrava. Isso devido a debilidade orgânica destes cativos, que se tornaram alvos de doenças típicas do clima tropical, como a malária, febre amarela, tétano, varíola entre outras. Esta situação não foi percebida no sul dos Estados Unidos. No 4º capítulo, Fogel e Engerman, demonstraram que a alimentação dos escravos superava os níveis diários que eram recomendados para o ano de 1964. A dieta dos cativos incluía uma boa dosagem de proteínas – carne de vaca, de cordeiro, frango e leite – e de carboidratos - batata, por exemplo. Além de outros mantimentos ricos em vitaminas, como a laranja e os pescados. O suplemento alimentar era realizado pelos escravos por meio da caça e verduras que estes adquiriam através de suas roças.

Carece de fundamento, portanto, a crença de que o típico escravo destas plantações era subnutrido. Da mesma forma seria um mito a concepção de que os cativos residiam mal e em constante promiscuidade. Ao tratar da questão do alojamento, os autores deixam claro que estes viviam em casas uni-familiares, onde eram exceções as casas compostas por várias famílias. Eram normais construções com estrutura para acomodar uma família com até cinco componentes, algo que superava, em termos qualitativos a maioria dos trabalhadores de Nova York na segunda metade dos oitocentos. O incentivo aos matrimônios era uma estratégia dos plantadores visando uma otimização do trabalho. Isso porque a estabilidade familiar contribuía para o bem estar dos cativos e, conseqüentemente, para o sucesso do trabalho destes indivíduos. Então, houve o incentivo a promiscuidade ou a prostituição nas plantações? De forma alguma, pois os senhores prezavam pela disciplina em seus plantéis. A busca por “serviços sexuais” se dava nas áreas urbanas, com preferência pelas mulheres brancas. Dessa forma, conclui-se que ao menos o processo de mistura étnica foi escasso. O censo de 1860 demonstra que apenas 10,4% da população eram mulatos. E a questão da mistura em termos culturais? Os autores, provavelmente por uma questão de opção metodológica, não discutiram essa questão. Sendo assim, fica como lacuna uma discussão acerca da possível existência de um processo de mistura que envolveu brancos, forros e cativos.

Visando complementar a questão da saúde escrava, houve também uma análise da questão da assistência médica. Visou-se demonstrar que os cativos, além de

relativamente bem alimentados, possuíam toda uma assistência médica. Havia a preocupação dos proprietários com a saúde de seus escravos através da implantação de importantes hospitais. Nestes locais havia igualmente uma farmácia e equipamentos necessários para socorrer os enfermos. Atenção especial foi dada às gestantes. Separava-se uma habitação especial para os partos e outras para os pacientes externos. Havia enfermeiras responsáveis pelos enfermos e parteiras experientes. O índice de mortalidade das gestantes era extremamente baixo - de cada 167 mulheres, com idade entre 20 a 29 anos, somente uma morria -. Este índice de mortalidade era inferior ao das mulheres brancas do sul. Se houve uma taxa maior de falecimentos de recém-nascidos, era devido ao estado primitivo dos conhecimentos médicos da época, do que a maus tratos de proprietários.

Seguindo o propósito de desconstruir a visão tradicional acerca do sistema escravista, os autores construíam uma análise acerca do sistema de benesses nas plantações. Os cativos recebiam prêmios por produtividade, e o alcance da benesse ia de acordo com o sucesso verificado nos campos. Em curto prazo, recebiam vestimentas, tabaco, Whisky e às vezes até dinheiro, que poderiam chegar à soma de quase 20 dólares (1.000 dólares atuais). As recompensas em longo prazo equivaliam a oportunidade de ascender, dentro da hierarquia econômica e social, a cargos administrativos, como de vigilantes ou capatazes. Os dados analisados pelos autores demonstraram que era comum, inclusive, cativos capatazes detentores de grande prestígio frente ao seu senhor.

A nosso ver, faltou aos autores uma descrição acerca dos limites das benesses. Ainda que se pontue que era vedado aos escravos ocupar cargos políticos e exercer controle sobre os grandes negócios, não houve uma relação entre a prática de protestos com um possível rompimento dos limites estabelecidos pela prática das benesses. E o que seriam as deserções, insurreições e rebeliões pontuadas pelos autores? Não obstante estas dúvidas, estes questionamentos serviram, ao menos, para pensarmos em termos de uma possível constituição de bandoleiros ou amotinados compostos por homens livres (entre brancos e negros) nos Estados Unidos setecentista e oitocentista. Se sim, este fenômeno seria típico dos campos ou das áreas urbanas? Ou ainda: caso se comprove a existência do bandoleirismo e da prática do motim, tais fenômenos seriam típicos e comparáveis às “áreas de fronteiras” do centro-sul da América portuguesa ou era algo comum a sociedades de Antigo Regime?

Além da consulta exaustiva as fontes, Fogel e Engermam procuraram desconstruir a visão dominante de que a escravidão não era rentável. Iniciaram seus estudos na análise das obras que constituíam a “Escola de Philips”. Esta escola, composta por estudiosos como Ramsdell, tinham em comum a busca pelas forças econômicas que levaram a auto-estrangulação da escravidão. Ramsdell defendia, por exemplo, que o desgaste dos solos e problemas climáticos limitou a extensão do cultivo do algodão (limites naturais). Para ele, a escravidão necessitava de uma expansão territorial contínua para seguir sendo rentável. Contudo, devido a um sistema intensivo de exploração, que ia de leste a oeste, a fertilidade do solo, mesmo em novas áreas, foi sendo progressivamente estancada. Argumentava também o autor que havia uma incompatibilidade entre a escravidão e a sociedade urbana. Movido de preceitos racistas, argumentava que o escravo era demasiadamente primitivo para se adaptar de forma eficaz nas complexidades da vida e da produção urbana, além de afirmar que era difícil controlar os cativos em um meio urbano (perigo eminente dos ataques a propriedades, crimes e etc.).

Já Genovese, em *Roll, Jordan, Roll. The World the Slaves Made*, defendia que a escravidão foi ineficiente porque além de esgotar os solos, restringia o desenvolvimento da manufatura e entrava em conflito com a urbanização. Para ele, os aristocratas do sul eram sujeitos “pré-capitalistas e de espírito anti-burguês”. Estariam mais interessados em manter o seu poder e valores morais (honra e prestígio) do que com os benefícios. O fenômeno do paternalismo não teria sido suficiente para a otimização de recursos devido a causas naturais e a falta de espírito capitalista dos plantadores.

Para Fogel e Engermam, tais críticas são infundadas, pois o estudo da documentação deixa claro que o esgotamento dos solos no velho sul não teria sido um fenômeno geral. Durante os oitocentos, várias pesquisas foram feitas objetivando possíveis melhoramentos dos solos. O avanço tecnológico teria permitido a evolução dos métodos organizacionais e grandes administradores difundiam, por meio de periódicos, as “melhores práticas” em diversos aspectos da agricultura, como sobre a organização do trabalho. A organização de equipes altamente disciplinadas e interdependentes mantiveram um constante e intenso ritmo de trabalho, com a especialização e organização do trabalho, algo parecido com os sistemas de montagem da era moderna.

A superioridade das plantações estaria, dessa forma, baseada numa combinação competente da melhor direção dos plantadores com a melhor qualidade do trabalho

negro. Agindo como grandes capitalistas – portando se opondo a Genovese -, os proprietários investiam no trabalho de alguns de seus cativos, transformando escravos em dirigentes, como no ofício de capataz. Por meio do sistema paternalista (“benesses”) os senhores otimizavam os seus lucros, dado ao empenho dos cativos em trabalhar adequadamente visando futuros ganhos.

Criticou-se igualmente a denominada “escola anti-Philips”. Não há fontes que comprovem a premissa de que a cria sistemática de escravos para venda no mercado representasse a maior parte dos benefícios. Não houve um só caso de “plantações de reprodução”. O que houve não foi um tráfico interno, e sim imigração de plantações inteiras. Ainda: carece argumentos para explicar uma suposta divisão regional do trabalho segundo o qual o chamado “velho sul” se concentrasse na cria de cativos, e no “novo sul” na produção agrícola (área importadora de escravos).

Por fim, o ataque se deu aos abolicionistas. Era comum a este segmento da sociedade a condenação ao escravismo utilizando preceitos morais e ideológicos. Produziam-se vários discursos – complexos e variados – acerca não apenas dos supostos abusos dos proprietários, mas da inviabilidade econômica do sistema e da inferioridade racial africana. A literatura abolicionista, desprovida de um conjunto de fontes sistematizadas, dissertava acerca dos casos de vendas degradantes de cativos em praças públicas, de famílias destruídas, de crianças mal alimentadas e descuidadas e denúncias de sedução, rapto, tortura e assassinatos de escravos.

Homens como Clay, Helper e Olmsted, embasados em teorias racistas, analisaram a escravidão sob o ponto de vista do elemento branco. Os seus trabalhos foram marcados por erros de cálculos e informações distorcidas sobre o trabalho negro. Afinal, como já demonstramos, a escravidão foi rentável no sul graças à mão-de-obra escrava. A combinação paternalismo-escravismo possibilitou a relativa eficácia da agricultura escravista ao ponto de provocar uma onda de otimismo dos plantadores do sul dos Estados Unidos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GENOVESE, Eugene. *Roll, Jordan, Roll. The World the Slaves Made*. New York, Vintage, 1974.